

Impacto do consumo de pornografia sobre a função sexual: revisão

Gustavo F. Sutter Latorre¹, Alessandra Ayala²

RESUMO

Panorama: O consumo de mídias eróticas é tema controverso na literatura e para a população em geral. Parece não haver consenso a respeito de o consumo de pornografia gerar ou não danos à saúde sexual. **Objetivo:** Levantar as bases empíricas e científicas do impacto do consumo de pornografia sobre a função sexual humana. **Método:** Revisão sistemática das bases Pubmed, Scielo e BVS pelo termo 'pornography', restrita a ensaios clínicos, relatos de caso, estudos de incidência prevalência, exploratórios e de fatores de risco. Excluídos os que utilizaram a pornografia apenas como ferramenta para provocar a excitação sexual em testes, os que não descreveram os efeitos do uso da pornografia em si, artigos sem resumo disponível ou ainda não publicados e duplicados nas bases. **Resultados:** Dos 24 estudos resultantes apenas 15 cruzaram as duas variáveis: 10 correlacionaram pornografia à melhores escores de função sexual e 5 a piores. **Conclusão:** Se há impacto do consumo de pornografia sobre a função sexual este é positivo, e não negativo. O mercado pornográfico apresenta problemas extremamente graves, mas o impacto negativo sobre a função sexual das pessoas não é um deles.

ABSTRACT

Background: The use of erotic media is a controversial issue in the literature and for the general population. There seems to be no consensus on whether pornography use negatively impacts the sexual health. **Aims:** To raise the empirical and scientific bases of the impact of pornography consumption on human sexual function. **Method:** Systematic review of Pubmed, Scielo and BVS databases using the term 'pornography', restricted to clinical trials, case reports, incidence, prevalence, exploratory and risk factor studies. Excluded those who used pornography only as a tool to provoke sexual arousal in tests, those who did not describe the effects of using pornography itself, articles without available abstracts or not yet published and duplicated in the databases. **Results:** Of 24 resulting studies, only 15 crossed the two variables: 10 correlated pornography with better sexual function scores and 5 with worse. **Conclusion:** If pornography consumption has an impact on sexual function, it is positive, not negative. The pornographic market presents extremely serious problems, but the negative impact on people's sexual function is not one of them.

¹ Fisioterapeuta pélvico, Doutor em Clínica Cirúrgica, Mestre em Fisioterapia. Florianópolis/SC, Brasil. gustavo@perineo.net
² Fisioterapeuta pélvica, Rede Perineo.net, Florianópolis/SC, Brasil. alessandra@perineo.net

INTRODUÇÃO

Por-no-gra-fia: do grego *pórne* (prostituta)¹ e *grafé* (escrita ou registro)². A tradução literal das origens do termo seria, portanto, algum registro sobre prostituição. Entretanto, a palavra *pornografia*, hoje em dia, apresenta significados variados, como: 1) estudo ou descrição da prostituição; 2) Descrição ou representação de coisas consideradas obscenas, geralmente de caráter sexual; 3) Qualquer coisa (livro, revista, filme etc.) de cariz sexual com intenção de provocar excitação; 4) Ação ou representação que ataca ou fere o pudor, a moral ou os considerados bons costumes³.

Consideraremos para o presente estudo a terceira definição supracitada, ou seja, as **mídias eróticas**. O consumo de materiais eróticos no geral não é nem novo nem incomum: pelo contrário, no Brasil existem mais de uma centena de fornecedores de materiais para os chamados “sex shops”, mais de nove mil pontos de venda e mais de 50.000 vendedores de porta-em-porta, mercado este que triplicou seu crescimento durante a pandemia⁴. Mais da metade dos brasileiros consome regularmente produtos eróticos “de sex-shops”⁵.

O termo *mídia* pode ser definido como todo o suporte de difusão de informação (rádio, televisão, imprensa, publicação na Internet, videograma, satélite de telecomunicação etc.) que constitui ao mesmo tempo um meio de expressão e um intermediário na transmissão de uma mensagem⁶. Portanto, dentro da definição de “materiais ou produtos eróticos” estão contidas, automaticamente, também as mídias eróticas.

Desenhos e estátuas de conteúdo sexual, ao que parece, sempre fizeram parte da história humana. Ou, ao menos, remontam há milênios (figuras 1 e 2)⁷. Mais recentemente mídias mais modernas como contos, fotografias e filmes juntaram-se ao grupo. O cinema, por exemplo, foi inventado pelos irmãos Auguste e Louis Lumière em 1895⁸, e o primeiro filme erótico (El Satarío) não demorou nem onze para ser rodado, em 1907⁹. Ao que parece, tão logo uma nova mídia é inventada, mais imediata é sua utilização para conteúdo sexual.

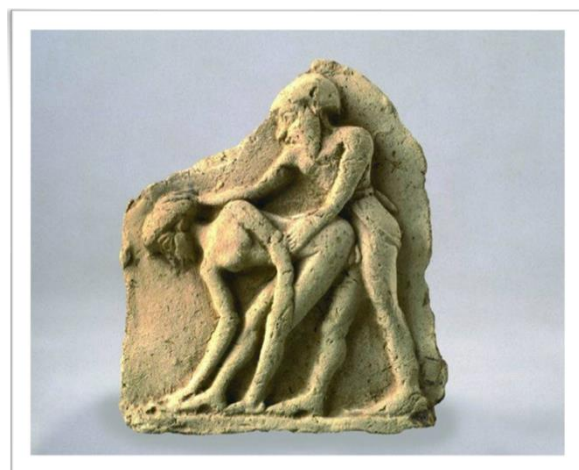


Figura 1: Arte em argila com cerca de 4 mil anos encontrada na antiga região da Mesopotâmia, atual Iraque.



Figura 2: Porcelana grega fabricada por volta de 475 aC.

Recentemente podcasts, animações, áudios e vídeos curtos de mídias sociais encorpam robustamente nossa biblioteca mundial de mídias de conteúdo sexual.

Todavia cabe aqui a definição dos termos sexual e erótico. Uma mídia de conteúdo sexual pode ser entendida como qualquer meio de difusão de informação com conteúdo sexual. Neste caso, por exemplo, um artigo científico sobre disfunções sexuais seria uma mídia com *conteúdo sexual*. O que é diferente de conteúdo erótico. O termo *erótico*, advindo do deus grego Eros, da paixão e do amor¹⁰, é um adjetivo que alude ao amor sensual, licencioso, libidinoso¹¹. Assim, o suposto artigo sobre disfunção sexual seria uma mídia de conteúdo sexual, mas não necessariamente erótico – ao menos não por definição. Já um conto de conteúdo sensual, libidinoso – ou noutros termos, com o objetivo de despertar desejo e/ou excitação sexual no leitor, este sim teria conteúdo erótico. O que não significa que a ciência não utilize conteúdo erótico: mídias eróticas são utilizadas há décadas em estudos científicos, como ferramenta para estudar os processos relacionados à excitação humana¹².

Assim, o termo *pornografia*, no sentido de “qualquer mídia de cunho sexual com intenção de provocar desejo ou excitação sexual” pode perfeitamente definir o CONJUNTO DAS MÍDIAS ERÓTICAS DE UMA ÉPOCA. É este o significado objetivo que atribuiremos ao termo “pornografia” para este ensaio. A pornografia, por diversos tipos de motivação, é tema polêmico tanto no ambiente acadêmico^{13,14} quanto para a população em geral¹⁵. Dentre as reivindicações, daqueles que emitem juízo a respeito, está a ideia de que o uso de pornografia pode alterar a função sexual humana – mais precisamente causando disfunção. Mas haveria embasamento empírico (factual) e científico para esta afirmação? Ou seria ela apenas mais um exemplo de distorção das informações para que fundamentem alguma crença pessoal favorita? O esclarecimento desta intrigante questão é, por fim, o objetivo do presente estudo.

MÉTODO

Trata-se de revisão sistemática para descrever o atual conhecimento científico a respeito do impacto do consumo de pornografia sobre a saúde sexual. Foram pesquisadas em 28/11/2022 as bases eletrônicas de dados Pubmed, Scielo e BVS por meio da palavra-chave “pornography”, restrita a ensaios clínicos, relatos de caso, estudos de incidência prevalência, exploratórios e de fatores de risco; em suma, estudos em pessoas reais, que de alguma forma apontassem possíveis alterações na saúde sexual possivelmente relacionadas ao uso de pornografia. Foram excluídos, para tanto, estudos

que utilizaram a pornografia simplesmente como ferramenta para provocar a excitação sexual em testes, aqueles que não descreveram os efeitos do uso da pornografia em si, artigos sem resumo disponível ou ainda não publicados e aqueles duplicados nas bases de dados. Os artigos resultantes foram lidos na íntegra com o auxílio da livraria Sci-Hub, e deles extraídos os seguintes dados, organizados em tabelas: autor/ano, objetivo, método, resultados e destaques (este último constando realces relevantes à questão diretriz da presente revisão).

RESULTADOS

As buscas brutas retornaram um total de 174 artigos, sendo 110 da base Pubmed (99 incluídos, 80 excluídos, restando 19), 38 na Scielo (1 incluído, nenhum excluído) e 27 na BVS (12 incluídos, 7 excluídos, restando 5). Portanto a presente revisão foi realizada sobre 24 estudos, sumarizados na Tabela 1.

Tabela 1: Sumário dos 24 estudos que compuseram a presente revisão, e grau de evidência¹⁶.

Autor/Ano	Objetivo	Método	Resultados	DESTAQUES
Reisinger, 1978 ¹² [A]	Testar a associação de estímulo erótico com técnica masturbatória no tratamento de disfunção do orgasmo.	Seis mulheres foram expostas a filmes eróticos, técnica masturbatória ou a associação de ambos. Frequência de orgasmos foi medida.	A combinação de filmes eróticos com técnica masturbatória produziu mais orgasmos, sendo os resultados mantidos em seis e 12 meses após o tratamento.	Filmes eróticos associados à técnica masturbatória produzem mais orgasmos do que masturbação isolada ou filmes isolados.
Schreiner et al, 1981 ¹⁴ [B]	Estudar a resposta sexual feminina durante diferentes fases do ciclo menstrual.	Filmes eróticos e fantasia sexual foram utilizados para estudar a resposta sexual.	Diferenças na excitação foram encontradas para todas as variáveis. Excitação esteve associada a três tipos de estímulo. Filmes eróticos produziram maior excitação sexual do que fantasia sexual.	Filmes eróticos produziram maior excitação sexual do que fantasia sexual.
Carani et al, 1990 ¹⁷ [A]	Estudar os efeitos de filmes eróticos e injeções de testosterona sobre o sono REM e sobre as ereções noturnas.	Dois grupos de homens foram submetidos a filmes eróticos antes do sono ou injeções de testosterona antes do sono.	Assistir filmes eróticos não influenciou nem as ereções noturnas nem o sono REM. Injeções de testosterona aumentaram as ereções noturnas, mas não afetaram o sono REM.	Nem filmes eróticos nem injeções de testosterona antes do sono influenciam o sono REM. Testosterona melhorou as ereções noturnas, mas filmes eróticos não.
Heiman et al, 1991 ¹⁸ [A]	Resposta endócrina induzida pode aumentar a excitação feminina.	Dois grupos: vídeo pornográfico e vídeo não-pornográfico. Nove minutos depois ambos os grupos assistiram ao filme pornográfico. Hormônios e vasocongestão foram medidos.	O grupo teste apresentou maior amplitude e duração da excitação e congestão vaginal durante o segundo vídeo, quando comparado aos controles. A excitação foi relacionada ao emocional e não aos hormônios.	Vídeo erótico antes de outro vídeo erótico provocou uma resposta sexual mais intensa.

Tabela 1 (cont): Sumário dos 24 estudos que compuseram a presente revisão.

Autor/Ano	Objetivo	Método	Resultados	DESTAQUES
Donohue e Plaud 1991 ¹⁹ [B]	Estudar a acomodação ao estímulo sexual em homens.	5 voluntários foram submetidos ao mesmo filme erótico e filmes eróticos diferentes durante outras três sessões. Ereção foi medida.	As respostas eréteis ao mesmo filme erótico foram menores do que as respostas à filmes diferentes.	A excitabilidade masculina em resposta a filmes eróticos diferentes é superior à mesma provocada pelo mesmo filme assistido repetidas vezes.
Rowland e Slob, 1992 ²⁰ [A]	Avaliar vibração e estímulo visual na excitação de homens sexualmente saudáveis.	34 homens saudáveis submetidos à vibração e filmes eróticos isolados e associados.	A combinação de vibração e filmes eróticos provocou excitação mais eficiente do que cada um dos estímulos em separado.	Filmes eróticos associados à vibração melhoram a excitação masculina, melhor do que filmes isolados ou vibração isolada.
Janssen et al. 1994 ²¹ [A]	Avaliar a importância do estímulo visual em homens com disfunção erétil (DE).	50 homens com DE foram submetidos a vibração associada ou não à filmes eróticos.	A combinação de filmes eróticos com vibração resultou em respostas penianas mais rígidas do que cada estímulo em separado.	Filmes eróticos associados à vibração melhoram a ereção de pacientes com DE, melhor que filmes isolados ou vibração isolada.
Laan et al, 1994 ²² [B]	Estudar se filmes eróticos produzidos por mulheres são mais excitantes para mulheres do que os produzidos por homens.	Fotopletismografia de pulso vaginal foi coletada durante a exposição a filmes eróticos.	Não houve diferença no grau físico de excitação provocados por filmes produzidos por mulheres ou homens. Filmes produzidos por homens foram mais associados se sentimentos de vergonha, culpa e aversão.	Ambos os filmes excitam mulheres, mas os produzidos por homens provocam mais sentimentos negativos.
Laan e Everaerd 1995 ²³ [A]	Estudar a acomodação ao estímulo sexual em mulheres.	32 mulheres assistiram ao mesmo slide erótico, ou a slides eróticos diferentes. Outras 42 mulheres foram submetidas ao mesmo filme erótico ou a filmes eróticos diferentes.	Os grupos de estímulos pornográficos diferentes apresentaram excitação melhor do que os grupos de estímulos iguais. Slides apresentam pouco estímulo sexual para a mulher, enquanto filmes eróticos produzem uma excitação mais difícil de acomodar.	Filmes eróticos produzem uma excitação mais difícil de acomodar (ou cair na rotina e perder o interesse) em mulheres.
Wylie et al. 2001 ²⁴ [A]	Comparar a eficácia de vibração versus filmes eróticos no diagnóstico de disfunção erétil (DE).	49 homens receberam vibração e 46 receberam filme erótico. Ereções foram medidas por pletismografia.	Nenhum dos dois grupos apresentou ereções suficientes para o diagnóstico de DE com pletismografia.	Filmes eróticos ou vibração isolados não produzem ereção suficiente para o diagnóstico de DE com pletismografia.
Norris et al. 2002 ²⁵ [A]	Estudar os efeitos psicológicos do álcool na agressividade sexual de homens.	Probabilidade de relatar agressão sexual em 135 homens, divididos em grupos teste (álcool), placebo e controle após lerem uma história pornográfica violenta.	O grupo teste (álcool) apresentou maior probabilidade de reportar alguma agressão sexual após ler pornografia violenta.	Em homens que tiveram contato com pornografia violenta, o álcool apresenta efeitos diretos e indiretos na probabilidade de relatar agressão sexual.
Kuo et al. 2010 ²⁶ [A]	Avaliar a eficiência de um sistema de audiovisual erótico em facilitar ultrassonografia doppler (USGD) para avaliação da ereção.	58 pacientes foram submetidos a injeções intracavernosas isoladas ou associadas a audiovisual erótico.	A combinação da injeção intracavernosa com o audiovisual foi mais efetiva para provocar ereções mais rígidas do que a injeção isolada ou o audiovisual isolado. 93% dos pacientes gostaram do método.	Um sistema audiovisual erótico produziu ereções mais eficientes do que a injeção intracavernosa isolada, e foi bem aceito pelos pacientes.

Tabela 1 (cont): Sumário dos 24 estudos que compuseram a presente revisão.

Autor/Ano	Objetivo	Método	Resultados	DESTAQUES
Goldey e van Anders 2012 ²⁷ [A]	Estudar como o estímulo sexual aumenta o desejo e excitação sexual.	128 mulheres e 98 homens alocados nos grupos conto erótico, fantasia sexual, Exercício de Situação Social Imaginada (ESSI) e controle. Excitação avaliada por questionário.	Os três grupos de teste aumentaram a excitação em comparação ao grupo controle. O grupo fantasia sexual apresentou maior excitação que os grupos conto erótico e ESSI.	Fantasia sexual foi mais eficiente que contos eróticos e ESSI (fantasia guiada) sobre o desejo e excitação sexuais de mulheres e homens.
Handelsman et al, 2013 ²⁸ [A]	Avaliar a necessidade de material erótico nas coletas de sêmen	1520 homens foram divididos em grupo pornografia e controle. O tempo para devolver a mostra foi usado como instrumento de medida.	O tempo para devolver a amostra foi 6% mais longo no grupo de pornografia do que no grupo sem pornografia. Não houve diferença na falha de entregar a amostra entre os grupos.	O uso de pornografia não torna a coleta de esperma mais rápida.
Grudzen et al, 2013 ²⁹ [A]	Avaliar os fatores de risco para HIV e outras ISTs em atrizes de filmes eróticos comparadas a mulheres da população em geral.	134 atrizes foram comparadas à 1773 mulheres da população em geral quanto ao início da vida sexual, número de parceiros, uso de preservativos e frequência de testes para ISTs.	As atrizes iniciaram a vida sexual em média 3 anos mais cedo, tiveram cerca de 7 parceiros sexuais a mais por ano, realizaram mais exames de ISTs e HIV de rotina e utilizaram mais preservativos de rotina do que as mulheres da população em geral.	Atrizes de filmes eróticos realizam mais testes de HIV e outras ISTs, além de utilizar preservativos com maior frequência de mulheres da população em geral.
D'Abreu 2013 ³⁰ [B]	Correlação entre consumo de pornografia e violência contra a mulher.	Estudantes universitários do sexo masculino.	99,7% havia tido contato com pornografia. 54,3% uso ocasional ou frequente. Perpetradores apresentaram médias mais altas de consumo.	Consumo de pornografia e violência contra a mulher estão correlacionados.
Hald e Malamuth, 2015 ³¹ [B]	Avaliar os efeitos da amabilidade, consumo de pornografia e sobre atitudes de violência contra a mulher (VCM).	200 jovens foram estudados quanto a amabilidade, consumo de pornografia e sobre atitudes de violência contra a mulher (VCM).	Baixos níveis de amabilidade e consumo elevado de pornografia no passado são preditores de VCM. A exposição experimental à pornografia aumentou a VCM mas apenas em homens com baixa amabilidade.	Há confluência hierárquica entre o modelo de agressão sexual contra a mulher e a mídia.
Castro et al, 2018 ³² [B]	Correlacionar ansiedade com vício em internet e ao cibersexo.	214 jovens (18-30a) responderam aos questionários.	Mulheres estiveram mais viciadas à internet e cibersexo com percepção de mal-estar físico; Homens viciados ou não à internet e ao cibersexo com percepção de bem-estar subjetivo.	Cibersexo tem significado diferente para homens e mulheres.
Gil-Cano et al, 2019 ³³ [C]	Avaliar a educação sexual em surdos.	Exploração em grupos de discussão.	Aprendizagem da sexualidade em surdos se deu pela pornografia. Houve medo da consulta médica, entendida como abuso.	Quando exclusivamente por pornografia, a educação sexual apresenta lacunas e equívocos importantes.
Baumel et al, 2019 ³⁴ [C]	Identificar as atitudes de homens e mulheres ante a pornografia.	Qualitativa. 10 homens e 10 mulheres, identificando vantagens e desvantagens do uso de pornografia.	Homens quanto mulheres, elencaram prejuízos e benefícios, e sugeriram que características pessoais possam ser elementos importantes nessa avaliação.	Para usuários, pode haver benefícios e prejuízos quanto ao uso da pornografia.

Tabela 1 (cont): Sumário dos 24 estudos que compuseram a presente revisão.

Autor/Ano	Objetivo	Método	Resultados	DESTAQUES
Lin et al, 2020 ³⁵ [B]	Correlação entre pornografia e comportamento sexual de risco.	O comportamento Sexual de risco foi estudado em adolescentes (média 13 anos) em duas coletas: por volta dos 20 anos e dos 24 anos de idade.	Metade dos participantes foram expostos à pornografia na adolescência, e estiveram mais propensos a início precoce da vida sexual, múltiplas parcerias e sexo desprotegido.	A exposição de adolescentes à pornografia está relacionada ao comportamento sexual de risco.
McNabney et al, 2020 ³⁶ [B]	Estudar o efeito da pornografia na saúde sexual.	2433 mulheres responderam questionários, incluindo frequência e uso de pornografia, além de função sexual.	Mulheres que usavam mais pornografia eram mais jovens e mais interessadas me sexo. Uso de durante a masturbação foi preditor de menos risco de disfunção da excitação e orgasmo, orgasmos mais frequentes e maior prazer durante a masturbação. Foi também preditor de menor dificuldade de excitação e orgasmos mais longos durante o sexo com parceria. Não houve relação do uso com a satisfação sexual em geral.	Maior uso de pornografia está correlacionado a melhores escores de função sexual durante a masturbação, sem afetar o sexo com parceria. Variáveis pessoais e demográficas são maiores preditores de disfunção sexual do que uso de pornografia em si.
Araujo et al, 2021 ³⁷ [B]	Estudar os fatores de risco para sexo não seguro em usuários de pornografia.	172 participantes de pesquisa online.	O uso de preservativos esteve associado ao tipo de cena preferida, preferência por filmes com sexo desprotegido, tipo de pornografia influenciando nas relações sexuais.	O não uso do preservativo foi associado ao acesso às cenas eróticas.
Rosenkjær et al, 2022 ³⁸ [A]	Estudar o uso de realidade virtual sobre a coleta de sêmen.	64 doadores de esperma foram submetidos à filmes eróticos em um tablet ou em realidade virtual. A motilidade dos espermatozoides foi medida.	O grupo realidade virtual produziu espermatozoides com melhor mobilidade do que o grupo que assistiu pornografia no tablet.	O uso de filmes eróticos em realidade virtual tem um forte efeito positivos sobre a motilidade de espermatozoides coletados por doadores de sêmen.

Fonte: os autores.

DISCUSSÃO

Apesar de o tema pornografia ser abundante no meio científico, são raros os estudos que, de fato, estudaram o impacto do uso das mídias eróticas sobre a saúde sexual humana. A maioria dos artigos, retornados nas buscas, eram estudos de opinião ou então qualitativos, não fornecendo a base empírica necessária para a inferência clara a respeito de nossa questão geratriz. Além, os artigos empíricos disponíveis foram estudos de correlação, correlacionando o uso de pornografia à função sexual humana sem, no entanto, terem o poder para responder se o uso da pornografia altera ou não esta função.

A diferença entre correlação e causalidade pode não ser tão óbvia à primeira vista, mas é fundamental que seja bem compreendida por aqueles que se preocupam com a prática baseada na evidência. Em ciência, o termo correlação é utilizado para apontar que duas ou mais coisas estão relacionadas, sem que saibamos se uma é causadora da outra. Já o termo causalidade é utilizado para duas ou mais coisas relacionadas, sendo uma a causa da outra (figura 3).

Noutros termos, estudos de correlação servem para entender que duas coisas estão

relacionadas, mas sem responder se uma coisa causa a outra. Assim, analisando apenas a figura 3 não sabemos se 1) o pássaro amassou a barra de ferro, ou se 2) a barra, previamente amassada, atraiu o pássaro para aquele ponto, ou 3) se o pássaro pousou ali por simples coincidência. Para responder se uma destas três hipóteses (ou nenhuma delas) é verdadeira, precisaríamos de estudos sobre o peso de gaivotas e a resistência de barras de ferro (para a hipótese 1), além e estudos sobre a atração de gaivotas por locais amassados em cercas (hipótese 2).

Obviamente sabemos, por experiência, que o peso de gaivotas não é suficiente para amassar barras de ferro como aquela da imagem. Mas nem sempre as correlações de causalidade são tão óbvias. Por exemplo, estudos de correlação descobrindo que *peessoas com melhor função sexual consomem mais pornografia* não podem concluir que “o uso de pornografia melhora a função sexual”, já que os mesmos dados poderiam ser usados para concluir que “pessoas com função sexual melhor buscam mais pornografia”. Por este motivo estudos de correlação são geralmente considerados grau de evidência B, ao invés de A¹⁶.

Nossa metodologia encontrou 15 estudos que correlacionaram diretamente o uso de pornografia à saúde sexual^{12,14,17-21,23,29-32,35-37}, a maioria com nível de evidência [B]. Destes, exatamente um terço (5)^{30-32,35,37} correlacionou o uso de pornografia a efeitos negativos sobre a saúde sexual, como o comportamento sexual de risco (por exemplo não uso de preservativo), ansiedade e a tendência à violência contra a mulher (se a considerarmos um problema relacionado à



Figura 3: O pássaro a esquerda está **CORRELACIONADO** ao ponto da barra de ferro que está deformado. Mas podemos afirmar que o pássaro **CAUSOU** esta deformação na barra?

sexualidade). Novamente, permanecem em aberto as questões: pessoas não usam preservativo porque assistirem pornografia, ou pessoas que não usam preservativo por outros motivos também consomem mais pornografia? Pessoas ansiosas consomem mais pornografia, ou pornografia gera ansiedade? Homens mais violentos consomem mais pornografia, ou é o uso da pornografia que torna os homens violentos contra as mulheres? Não são estudos de correlação que responderão à estas questões.

Por outro lado, dois terços dos estudos (10) descreveram que o uso de pornografia esteve correlacionado a efeitos positivos da saúde sexual^{12,14,17-21,23,29,36}, como melhor capacidade de excitação, orgasmos mais frequentes, orgasmos mais prolongados, excitabilidade mais rápida e intensa, menor acomodação da excitação, ereções mais rígidas, sexo seguro, melhor função sexual tanto na masturbação quanto no sexo com parceria, além de não perturbar o sono REM nem afetar o relacionamento com a parceria. Teve destaque particularmente o estudo de McNabney e colegas, 2020³⁶ [B], que com alta qualidade metodológica, correlacionou os escores da função sexual de 2.433 mulheres com o uso de pornografia, concluindo que o uso mais intenso de pornografia não só não esteve relacionado aos piores escores de função sexual, como o contrário: mulheres que consumiam mais pornografia apresentaram melhor função sexual durante a masturbação e durante o sexo em parceria. Mas, novamente fica a questão: pessoas com função sexual melhor buscam mais pornografia, ou uso mais intenso de pornografia melhora a função sexual? Estas questões continuam em aberto.

O fato é que a maior parte dos estudos mostrou correlação entre melhor função sexual e maior consumo de mídias eróticas, tanto para mulheres como para homens. Ou seja, de acordo com a evidência hoje disponível, independente da causalidade envolvida, pessoas mais saudáveis sexualmente consomem mais pornografia do que pessoas com mais disfunções sexuais, e não o contrário. Deste modo fica muito difícil sustentar a ideia de que o consumo de pornografia piora a função sexual; quase tão difícil quanto querer sustentar que a gaiota da figura 3 amassou o ferro da cerca ao pousar ali.

O tema pornografia deflagra debates acalorados que, como qualquer tentativa de discussão baseada em paixões e não em fatos, termina em quase nada de útil. Por um lado, uma corrente defende que existem um certo “uso problemático da pornografia”, para o qual já existe até tratamento³⁹. Cabe questionar o que seria o tal “uso problemático”. Neste caso em particular, o uso

de pornografia, assim como a masturbação, são questões proibidas pela religião dos autores³⁹, o que é perfeitamente válido – para aquele grupo religioso. O princípio da liberdade religiosa defende a liberdade de credo e de comportamento de acordo, que pode ser aplicado para aquele grupo em particular, mas não para os demais⁴⁰. Noutros termos: o que a sua religião afirma se aplica a você, mas não a mim, pois do contrário, eu também teria direitos de impor minha religião sobre você. Deste modo é perfeitamente aceitável que um grupo religioso proíba pornografia e masturbação entre os seus seguidores, mas estas normas não podem ser generalizadas para todas as outras pessoas do mundo.

Todavia, deve ser bastante sedutor para um grupo que condene a pornografia, por um motivo privado qualquer, sair por aí dizendo que “pornografia faz mal à saúde”. Deve ser mesmo mais convincente do que dizer “meu movimento é contra à pornografia só porque não gostamos dela”. Contudo, para que lado fica apontada a seta da imoralidade neste caso? Quem está sendo leviano? Quando as evidências demonstram claramente que o uso da pornografia NÃO É associado a piores escores de função sexual, mas justamente apontam para o contrário, não fica claro que este “mal” não pode entrar para o hall de defeitos da pornografia, simplesmente porque ele não existe?

O que é totalmente diferente de afirmar que a pornografia não apresenta problemas. Inclusive bastante graves. Todo mercado busca o lucro, não raramente esquecendo dos escrúpulos. Assim, tudo que é mercantilizado corre o risco de produzir resultados horrendos, como a escravidão por exemplo⁴¹. Não tem sido diferente com o mercado de mídias eróticas: violência contra a mulher, apologia ao estupro, pedofilia, tráfico de pessoas... a lista é longa. E terrível: são todas situações que ferem atrocemente a dignidade e os Direitos Humanos e, portanto, necessitam solução mais do que urgente. O mercado da pornografia já possui problemas o suficiente para condená-lo, certamente não precisa de mais um, inventado.

Mas por outro lado, durante décadas as mídias eróticas vêm sendo utilizadas em estudos científicos como ferramenta para estudos sobre desejo e excitação sexual^{12,14,17,24,25,28}. Demonizar a pornografia, por pura leviandade, pode prejudicar este ramo. Ainda, se mantém em aberto a questão a respeito da causalidade entre o alto consumo de pornografia e melhores escores de função sexual^{12,14,18,20,21,23,36} significa que o consumo de pornografia melhora a função sexual em si. Será? Sabe-se que o desuso pode resultar em atrofia e conseqüente disfunção, inclusive dos componentes sexuais⁴²⁻⁴⁴. Será que as mídias eróticas poderiam servir de ferramenta no combate deste problema?

Ainda, vivemos hoje uma desigualdade social imensa, particularmente nos países sul-americanos, no tocante ao modo como homens e mulheres experimentam sua sexualidade^{22,32,34}. Não estariam nas mídias eróticas uma ferramenta para a reconexão com a sexualidade e o empoderamento sexual, de mulheres que cresceram em culturas patriarcais, acreditando que o sexo é normal para o homem, mas motivo de vergonha para a mulher, e por este motivo desconectadas de sua própria sexualidade? Há, certamente, muitas perguntas a serem respondidas quanto ao uso da pornografia, e a comunidade científica deve arregaçar as mangas, uma vez que a sociedade parece ávida pelo tema, para a qual informação de qualidade, livre de demagogia, se faz mais do que urgentemente necessária.

CONCLUSÃO

Enquanto as evidências de que o uso da pornografia impacta negativamente a saúde sexual são parcos e frágeis, aquelas apontando o contrário são fortes. Mulheres e homens que consomem mais pornografia apresentam excitação melhor e mais durável, melhor ereção, orgasmos mais frequentes e mais duradouros e menor risco de disfunções do orgasmo e excitação, sem influenciar negativamente sobre o sexo com parceria. Como qualquer outro, o mercado da pornografia apresenta problemas endêmicos bastante graves que devem ser resolvidos com urgência.

REFERÊNCIAS

1. Priberam Dicionário: porno. <https://dicionario.priberam.org/porno>. Acesso em 30/11/22.
2. Priberam Dicionário: grafia. <https://dicionario.priberam.org/grafia>. Acesso em 30/11/22.
3. Priberam Dicionário: pornografia. <https://dicionario.priberam.org/pornografia>. Acesso em 30/11/22.
4. Revista Pequenas Empresas Grandes Negócios. <https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2021/03/mercado-erotico-triplica-em-numero-de-empresarios-na-pandemia.html>. Acesso em 30/11/22.
5. Rodrigues ZMOC, Oliveira OV, Pessoa RA, et al. Comportamento do Consumidor de Sex Shop: Perfil e Hábitos dos Consumidores da Cidade de Fortaleza. XI Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2014. <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos14/47120550.pdf>
6. Priberam Dicionário: mídia. <https://dicionario.priberam.org/midia>. Acesso em 30/11/22.
7. Megacurioso. Cultura: 23 artes eróticas que provam que sempre fomos um pouquinho pervertidos. <https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/104692-23-artes-eroticas-que-provam-que-sempre-fomos-um-pouquinho-pervertidos.htm>. Acesso em 30/11/22.

8. Wikipedia: Auguste and Louis Lumière. https://en.wikipedia.org/wiki/Auguste_and_Louis_Lumi%C3%A8re. Acesso em 30/11/22.
9. Wikipedia: El Satarío. https://en.wikipedia.org/wiki/El_Satario#:~:text=El%20Satario%2C%20also%20known%20as,extreme%20close%20ups%20of%20genitalia. Acesso em 30/11/22.
10. Wikipedia: Eros. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eros>. Acesso em 30/11/22.
11. Priberam Dicionário: erótico. <https://dicionario.priberam.org/erótico>. Acesso em 30/11/22.
12. Reisinger JJ. Effects of erotic stimulation and masturbatory training upon situational orgasmic dysfunction. *J Sex Marital Ther.* 1978 Fall;4(3):177-85. doi: 10.1080/00926237808403016. PMID: 569213.
13. de Alarcón R, de la Iglesia JI, Casado NM, Montejo AL. Online Porn Addiction: What We Know and What We Don't—A Systematic Review. *Journal of Clinical Medicine.* 2019; 8(1):91. <https://doi.org/10.3390/jcm8010091>
14. Schreiner-Engel P, Schiavi RC, Smith H Jr. Female sexual arousal: relation between cognitive and genital assessments. *J Sex Marital Ther.* 1981 Winter;7(4):256-67. doi: 10.1080/00926238108405427. PMID: 7328680.
15. DoutorJairo. Pornografia: ela é boa ou ruim para você? <https://doutorjairo.uol.com.br/leia/pornografia-ela-e-boa-ou-ruim-para-voce/>. Acesso em 30/11/22.
16. RBFP - Revista Brasileira de Fisioterapia Pélvica: Normas para submissão de artigo. <https://perineo.net/rbfp/normas.html>. Acesso em 30/11/22.
17. Carani C, Scuteri A, Marrama P, Bancroft J. The effects of testosterone administration and visual erotic stimuli on nocturnal penile tumescence in normal men. *Horm Behav.* 1990 Sep;24(3):435-41. doi: 10.1016/0018-506x(90)90020-x. PMID: 2227854.
18. Heiman JR, Rowland DL, Hatch JP, Gladue BA. Psychophysiological and endocrine responses to sexual arousal in women. *Arch Sex Behav.* 1991 Apr;20(2):171-86. doi: 10.1007/BF01541942. PMID: 2064541.
19. O'Donohue W, Plaud JJ. The long-term habituation of sexual arousal in the human male. *J Behav Ther Exp Psychiatry.* 1991 Jun;22(2):87-96. doi: 10.1016/0005-7916(91)90003-n. PMID: 1757595.
20. Rowland DL, Slob AK. Vibrotactile stimulation enhances sexual response in sexually functional men: a study using concomitant measures of erection. *Arch Sex Behav.* 1992 Aug;21(4):387-400. doi: 10.1007/BF01542027. PMID: 1497476.
21. Janssen E, Everaerd W, van Lunsen RH, Oerlemans S. Visual stimulation facilitates penile responses to vibration in men with and without erectile disorder. *J Consult Clin Psychol.* 1994 Dec;62(6):1222-8. doi: 10.1037//0022-006x.62.6.1222. PMID: 7860820.
22. Laan E, Everaerd W, van Bellen G, Hanewald G. Women's sexual and emotional responses to male- and female-produced erotica. *Arch Sex Behav.* 1994 Apr;23(2):153-69. doi: 10.1007/BF01542096. PMID: 7517135.

23. Laan E, Everaerd W. Habituation of female sexual arousal to slides and film. *Arch Sex Behav.* 1995 Oct;24(5):517-41. doi: 10.1007/BF01541832. PMID: 8561662.
24. Wylie KR, Steward D, Walters SJ. Does vibration offer any advantage over visual stimulation studies (VSS) in the assessment of erectile capacity? *Int J Impot Res.* 2001 Dec;13(6):329-37. doi: 10.1038/sj.ijir.3900781. PMID: 11918249.
25. Norris J, Davis KC, George WH, Martell J, Heiman JR. Alcohol's direct and indirect effects on men's self-reported sexual aggression likelihood. *J Stud Alcohol.* 2002 Nov;63(6):688-95. doi: 10.15288/jsa.2002.63.688. PMID: 12529069.
26. Kuo YC, Liu SP, Chen JH, Chang HC, Tsai VF, Hsieh JT. Feasibility of a novel audio-video sexual stimulation system: an adjunct to the use of penile duplex Doppler ultrasonography for the investigation of erectile dysfunction. *J Sex Med.* 2010 Dec;7(12):3979-83. doi: 10.1111/j.1743-6109.2009.01583.x. PMID: 19912490.
27. Goldey KL, van Anders SM. Sexual arousal and desire: interrelations and responses to three modalities of sexual stimuli. *J Sex Med.* 2012 Sep;9(9):2315-29. doi: 10.1111/j.1743-6109.2012.02845.x. Epub 2012 Jul 12. PMID: 22788995.
28. Handelsman DJ, Sivananathan T, Andres L, Bathur F, Jayadev V, Conway AJ. Randomised controlled trial of whether erotic material is required for semen collection: impact of informed consent on outcome. *Andrology.* 2013 Nov;1(6):943-7. doi: 10.1111/j.2047-2927.2013.00133.x. Epub 2013 Sep 30. PMID: 24124176.
29. Grudzen CR, Meeker D, Torres J, Du Q, Andersen RM, Gelberg L. HIV and STI risk behaviors, knowledge, and testing among female adult film performers as compared to other California women. *AIDS Behav.* 2013 Feb;17(2):517-22. doi: 10.1007/s10461-011-0090-0. PMID: 22101890.
30. D'Abreu LCF. Pornografia, desigualdade de gênero e agressão sexual contra mulheres. *Psicol. soc. (Online)* ; 25(3): 592-601, 2013.
31. Hald GM, Malamuth NN. Experimental effects of exposure to pornography: the moderating effect of personality and mediating effect of sexual arousal. *Arch Sex Behav.* 2015 Jan;44(1):99-109. doi: 10.1007/s10508-014-0291-5. Epub 2014 Apr 12. PMID: 24729134.
32. Castro JÁ, Vinaccia S, Ballester-Arnal R. Ansiedad social, adicción al internet y al cibersexo: su relación con la percepción de salud / Social anxiety, Internet and Cybersex addiction: its relationship with health perception. *Ter. psicol* ; 36(3): 134-143, 2018.
33. Gil-Cano PA, Navarro-García AM, Serna-Giraldo P, Pinzón-Seguro M. Sexualidad: las voces de un grupo de sordos de Medellín (Colombia). *Rev. Fac. Nac. Salud Pública*; 37(2): 107-115, mayo-ago. 2019.
34. Baumel CPC, Silva POM, Guerra VM, et al. Atitudes de jovens frente à pornografia e suas consequências / Attitudes of young people towards pornography and its consequences. *Psico USF* ; 24(1): 131-144, 2019.
35. Lin WH, Liu CH, Yi CC. Exposure to sexually explicit media in early adolescence is related to risky sexual behavior in emerging adulthood. *PLoS One.* 2020 Apr 10;15(4):e0230242. doi: 10.1371/journal.pone.0230242. PMID: 32275669; PMCID: PMC7147756.
36. McNabney SM, Hevesi K, Rowland DL. Effects of Pornography Use and Demographic Parameters

on Sexual Response during Masturbation and Partnered Sex in Women. *Int J Environ Res Public Health*. 2020 Apr 30;17(9):3130. doi: 10.3390/ijerph17093130. PMID: 32365874; PMCID: PMC7246896.

37. Araujo TME, Almeida PD, Chaves AFCP, et al. Factors associated with unprotected sex in people who consume sexually explicit media. *Rev. Bras. Enferm.* 74 (6) 2021 <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2021-0061>.
38. Rosenkjær D, Pacey A, Montgomerie R, Skytte AB. Effects of virtual reality erotica on ejaculate quality of sperm donors: a balanced and randomized controlled cross-over within-subjects trial. *Reprod Biol Endocrinol*. 2022 Oct 11;20(1):149. doi: 10.1186/s12958-022-01021-1. PMID: 36221120; PMCID: PMC9552463.
39. Crosby JM, Twohig MP. Acceptance and Commitment Therapy for Problematic Internet Pornography Use: A Randomized Trial. *Behav Ther.* 2016 May;47(3):355-66. doi: 10.1016/j.beth.2016.02.001. Epub 2016 Feb 12. PMID: 27157029.
40. Wikipedia: Liberdade Religiosa. https://pt.wikipedia.org/wiki/Liberdade_religiosa. Acesso em 30/11/22.
41. Harari YN. *Sapiens: Uma breve história da humanidade*. Porto Alegre: L&PM Editores S. A., 2018.
42. Bortz WM. El síndrome por desuso. *Ed Fís y Deporte*, ISSN-e 0120-677X, Vol. 11, Nº. 1, 1989, págs. 71-86
43. Amsterdam A, Krychman M. Clitoral atrophy: a case series. *J Sex Med.* 2009 Feb;6(2):584-7. doi: 10.1111/j.1743-6109.2008.01044.x. Epub 2008 Nov 6. PMID: 19017253.
44. Bucher J, Christ ER. Klinik und Diagnose von Hypogonadismus und Andropause. *Ther Umsch.* 2014 Apr;71(4):221-7. German. doi: 10.1024/0040-5930/a000505. PMID: 24670603.